

Invasão na Ceilândia: sem-teto querem lote

Noéli Nobre

Da equipe do **Correio**

Carregando enxadas, estacas de madeira, fios de arame e lonas, cerca de mil pessoas acamparam no fim da tarde de ontem em área localizada entre a QNR, na Ceilândia, e a BR-070, que liga o Distrito Federal a Pireópolis. Eram os sem-teto da Ceilândia. Moradores de aluguel, eles fincaram pé em terreno destinado ao Programa de Desenvolvimento Econômico do Distrito Federal (Pró-DF) em busca da casa própria.

“O Roriz montou um palanque aqui na Ceilândia em março e prometeu lote para todo mundo. O ano está terminando e ainda não recebemos nada”, conta uma mulher que preferiu não se identificar. “Vamos ficar aqui acampados até receber o lote”, completa. No início da tarde, ela havia participado de concentração dos sem-teto em frente à prefeitura comunitária da área especial EQNN 17/19. Depois, caminharam por aproximadamente uma hora até chegar ao local, na expansão do Setor O.

Desorientados, alguns dos manifestantes dizem que foram para a região por ordem do líder dos sem-teto da Ceilândia, El-

ton Barbosa. Procurado pela reportagem do **Correio**, Barbosa não quis dar entrevista. Outros disseram que estavam lá simplesmente porque precisavam. “Todo mundo aqui é dono do próprio nariz e precisa muito. Tem gente que mora de favor”, gritava uma senhora.

O sol se punha e as famílias delimitavam arbitrariamente o próprio território. Em alguns casos, era necessário atear fogo para limpar o chão e poder instalar a barraca, feita de lona ou de plástico. O trabalho era duro e as pessoas carregavam consigo o essencial. A viúva Thereza Rodrigues dos Santos, 71 anos, levou apenas um guarda-chuva preto, um casaco e um boné. Paraibana, ela mora há 20 anos na Ceilândia e paga R\$ 150 de aluguel. Divide a casa com dois filhos desempregados e agora sonha com um lote, não importa onde seja. “Vim para cá na esperança de conseguir esse lote. Se eu tiver onde morar, morro satisfeita”, confessa.

De pé no meio do descampado, a viúva Thereza esperava. Enquanto isso, a dona-de-casa Luzitane Rodrigues, de 26 anos, acocorava-se para cuidar do filho Paulo Henrique e do sobrinho Júlio César, ambos com ape-

“VIM PARA CÁ NA ESPERANÇA DE CONSEGUIR ESSE LOTE. SE EU TIVER ONDE MORAR, MORRO SATISFEITA”

THEREZA RODRIGUES DOS SANTOS

Aposentada

nas um mês. Não tendo onde acomodá-los, deitou-os em um pedaço de papelão sobre o chão. A outra filha de Luzitane, Jacqueline, de dois anos, estava cheia de picadas de mosquitos a essa altura do campeonato.

INFRA-ESTRUTURA

“Morava aqui na Ceilândia, mas ficou apertado e fui para o Recanto das Emas. Lá eu pago R\$ 100 de aluguel. Meu marido está desempregado”, conta Luzitane. Para a expansão do Setor O, a mãe de família levou cobertores

e uma sacola de comida que havia sumido no meio da multidão. “Mas não tem problema. Os vizinhos da QNR disseram que a gente pode comer na casa deles.” E onde ficam os banheiros? “A gente dá um jeito. Só sei que vou ficar aqui até conseguir um lote”, insistia.

Mais prevenido do que Luzitane, o mineiro aposentado José Antônio Xavier, 48 anos, foi sozinho para o acampamento. A mulher e os três filhos continuaram no pequeno apartamento da Ceilândia onde Xavier paga R\$ 260 de aluguel. “Não dá para viver assim. Ganho R\$ 360 de aposentadoria. Vou primeiro improvisar uma barraca, uma fossa, um jeito de fazer comida, para depois trazer minha família”, planeja o homem que tinha mãos sujas de fazer buracos no chão para fincar as estacas.

As polícias militar e civil, presentes no local, tentavam concentrar os sem-teto na região ao lado da QNR. “Vimos reduzir o acampamento, está muito espalhado. Amanhã, decidimos o que fazer com essas pessoas. Aqui é área do Pró-DF”, lembrou o delegado da 24ª Delegacia de Polícia de Ceilândia, José Roberto Soares.